

ECONOMIA

Só falta o investimento produtivo

Com risco em 878 pontos e C-Bond no maior valor em 5 anos, Palocci pede recursos para a produção

Fábio Nascimento e Vivian Oswald

RIO, WASHINGTON e NOVA YORK

No dia em que o risco-Brasil rompeu o patamar de 900 pontos centesimais e fechou a 878 — queda de 4,14% em apenas um dia — voltando ao nível do dia 1º de maio de 2002, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, disse em Washington que a confiança manifestada pelos mercados e principais autoridades internacionais no país deve se traduzir em novos recursos para a produção.

— Queremos que essa confiança evolua para investimentos efetivos e produtivos — disse o ministro durante um almoço com representantes das principais instituições financeiras americanas e economistas no Instituto para Economia Internacional (IEI).

Para analistas, o risco-Brasil poderá chegar aos 700 pontos antes mesmo da aprovação das reformas tributária e da Previdência. No mesmo impulso, o C-Bond (título da dívida brasileira mais negociado no exterior) fechou o dia a 85% do seu valor de face, a mais alta cotação desde 23 de março de 1998.

A valorização do C-Bond deve-se à grande procura, pelos investidores estrangeiros, dos fundos de países emergentes, com destaque para o Brasil. Esses investimentos totalizaram US\$ 218,9 milhões só na primeira semana de abril — o maior fluxo em uma semana desde 1995, de acordo com a consultoria americana Global Investor Publishing. Além disso, hoje vence cerca de US\$ 1,5 bilhão deste

Os indicadores em franca melhora

? O que é o risco-país

É um indicador da confiança dos investidores estrangeiros na capacidade de um país pagar sua dívida externa. Quanto maior o risco, menor a confiança. Um risco de 878 pontos centesimais, como o de ontem, significa que os títulos da dívida do país têm que pagar 8,78 pontos percentuais a mais do que a taxa paga pelos papéis do Tesouro americano, hoje 4,02% para vencimento em 10 anos. O Brasil teria que pagar, então a soma desses índices, ou seja, 12,80% ao ano.



papel, o que acelerou a procura e pressionou a cotação para cima.

— O risco-Brasil poderá chegar aos 700 pontos ainda no primeiro semestre, mas isso será aos poucos. Primeiro, o mercado vai testar o nível de 800 pontos. Percebendo capacidade do governo para aprovar as reformas, o patamar pode cair — explica Sandra Utsumi, economista do BES Investimentos.

Para o diretor da consultoria Global Invest, Fernando Ferreira, o país superou a fase de recuperação e vive uma melhora real dos indi-

cadores econômicos.

— Está claro que caminhamos para os 700 pontos. Historicamente, o risco-país encontra-se neste patamar nos meses de março e abril. Às vezes, até mais baixo — pondera Ferreira, referindo-se aos riscos de 633 pontos (março de 2000), 650 (abril de 2001) e 698 (abril de 2002).

Os rasgados elogios do Banco Mundial (Bird) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao país, no fim de semana, ajudaram o dólar a cair ainda mais ontem, encerrando os negócios a R\$ 3,163, a segunda

menor cotação no ano. A Bolsa de Valores de São Paulo fechou ontem em alta de 1,32%, e os contratos de juros para janeiro de 2004 foram negociados a 25,71%, taxa menor do que a de sexta-feira (25,82%) e abaixo também da Selic (base de juros), hoje em 26,5%.

Segundo Palocci, o país enfrentou uma primeira etapa de ajuste para pôr em ordem seus indicadores:

— Esta é uma tarefa que está ainda não está totalmente concluída. Agora, nos interessa o nosso comércio exterior, para que o Brasil possa

voltar a crescer, gerar empregos e poder colocar seus produtos de maneira efetiva no mercado global.

O presidente do IEI, Fred Bergsten, afirmou estar confiante na política ortodoxa do governo brasileiro, mas alertou que o país terá que apresentar resultados práticos. Segundo ele, para manter a melhora do cenário é preciso demonstrar que é possível crescer e distribuir renda ao mesmo tempo. O instituto é considerado um dos organismos de pesquisa privados mais influentes dos EUA.

Pedido de crédito tem silêncio como resposta

• Fazendo coro com o ministro, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, pediu em Nova York, em reunião com investidores na sede do Federal Reserve nova-iorquino, o aumento das linhas de crédito para o Brasil. Na platéia, estavam representantes de instituições financeiras, como o Citigroup. Pela manhã, durante encontro com representantes do J.P. Morgan, Meirelles fez o mesmo pedido. Mas nenhuma promessa foi feita por seus interlocutores.

— Seria muito incomum que alguém oferecesse linhas de crédito — disse ao GLOBO uma fonte que ouviu uma das exposições do presidente do BC.

Uma das preocupações de Wall Street é a eficiência do sistema de metas de inflação.

COLABOROU Toni Marques

Gildo Lima/A Tarde/4-4-2003



PALOCCI: "Não estamos pedindo favores aos ricos. Temos competitividade"